

PR NAS NAÇÕES UNIDAS

Nyusi ignora repressão violenta das marchas e diz que jovens moçambicanos são livres

- Uma semana depois de referir-se aos jovens como “infiltrados” e “gente mal-intencionada” que deve ser isolada e responsabilizada de forma exemplar, Filipe Nyusi foi às Nações Unidas dizer que os jovens moçambicanos são livres. Que liberdade vem a ser essa num país onde os jovens são impedidos, com recurso à violência, de marchar pacificamente?



Na sua qualidade de membro não permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, Moçambique assumiu, durante o mês de Março, a presidência rotativa mensal daquele órgão responsável por garantir a paz e a segurança no mundo. Para marcar o término da presidência de Moçambique, o Presidente da República esteve esta na sede em Nova Iorque onde participou e liderou vários encontros de reflexão sobre paz, segurança, terrorismo e extremismo violento. Nos encontros, Filipe Nyusi reiterava a importância do diálogo para o alcance da paz e partilhava a experiência recente de Moçambique para alcançar a paz.

Em entrevista à ONU News, uma emissora das Nações Unidas, Nyusi foi confrontado com a revolta dos jovens perante a repressão violenta da Polícia contra as marchas de homenagem ao rapper Azagaia. “O jovem é livre agora. Fala e talvez não tinha a mesma facilidade no passado. Nós estamos com os jovens e tivemos agora a situação que todos acompanhamos as imagens. E eu já apareci a explicar qual é o papel da Polícia e a responsabilidade do cidadão perante a necessidade de querer se manifestar. Esperamos que as coisas sejam corrigidas no âmbito da averiguação em curso no Ministério do Interior. Quero encorajar a juventude a sentir-se dono da pátria e dos destinos de Moçambique”, respondeu o Presidente da República¹.

A declaração de que os jovens são livres é feita duas semanas depois da violenta repressão policial contra jovens desarmados que pretendiam marchar nas ruas da capital em homenagem do rapper Azagaia. Na primeira reacção que fez na Academia de Ciências Policiais (ACIPOL), Nyusi mostrou duas faces: ensaiou uma condenação à actuação violenta da Polícia, mas não o fez nos termos mais vigorosos e convincentes, não se demarcou da violência e não deu nenhum sinal de que haveria consequências políticas no seu governo na sequência dos últimos acontecimentos. “O trabalho da Polícia e demais Forças de Defesa e Segurança é de extrema colaboração com todos os segmentos da sociedade com vista a salvaguarda da segurança pública e do ambiente no qual os cidadãos possam exercer os seus direitos e liberdades democráticas”, disse.

Já a outra face foi de um Presidente que patrocina a violência policial contra cidadãos moçambicanos. Nyusi disse claramente que orientou o Ministério do Interior para “identificar aqueles que procuram se aproveitar da virtude individual do jovem *rapper* Azagaia para atingir os seus intentos”. Uma “orientação” bastante perigosa e que revela, mais uma vez, que o autoritarismo do Estado moçambicano resulta de orientações de um Presidente da República que jurou respeitar



e fazer respeitar a CRM. A “orientação” que Filipe Nyusi deixou ao Ministério do Interior encoraja a Polícia e outras forças de segurança do Estado a violarem os direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos.

Um Presidente da República que orienta as instituições do Estado, no caso o Ministério do Interior, a identificar jovens da sociedade civil e membros de partidos da oposição que participaram da marcha não deve, uma semana depois, declarar que esses mesmos jovens são livres. Como é que um jovem livre é atingido pela Polícia e perde um olho só porque estava numa marcha pacífica? Jovens livres são aqueles que há duas semanas foram violentados e impedidos de marchar, mesmo tendo a anuência das autoridades municipais? Jovens livres são aqueles que o

Presidente da República os rotulou de “infiltrados” e “gente mal-intencionada” que deve ser isolada e responsabilizada de forma exemplar?

Os jovens livres e que falam com uma facilidade que não tinham passado são os mesmos que o Comando-Geral da Polícia os identificou como “indivíduos ligados a partidos políticos, organizações da sociedade civil e não-governamentais”. Há liberdade num Estado onde jovens que pretendem exercer os seus direitos e liberdades previstos na Constituição são violentados pela Polícia? Os jovens livres a que o Presidente da República se refere incluem aqueles que, sempre que precisam de exercer os direitos de cidadania, são obrigados a recuar por medo de gás lacrimogéneo, balas e cães da Polícia.

¹https://www.youtube.com/watch?v=cBwr_auv7wl



INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: Emídio Beúla
Autor: Emídio Beúla
Layout: CDD

Contacto:
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: http://www.cddmoz.org

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

